

CIRCULARIDADES GEOGRÁFICAS: ESPAÇO, ESCALA E TEMPO

GEOGRAPHICAL CIRCULARITIES: SPACE, SCALE AND TIME

 Jahan Natanael Domingos Lopes ^A

^A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil

Recebido em: 02/03/2022 | 21/07/2022 DOI: 10.12957/tamoios.2023.65716

Correspondência para: Jahan Natanael Domingos Lopes (jahan_natanael@hotmail.com)

Resumo

Com o intuito de se compreenderem o Espaço e o Tempo, entremete-se circularidade a partir da Escala. Vertem-se, pela ontologia, em fenômenos da experiencialidade em uma una-tríade do espaço-escala-tempo. Desse modo, tem-se a espacialidade através da análise temporal e a temporalidade através da síntese espacial. Circula-se, pois, a pensar do local ao Global (em unificação) e do lugar ao Mundo (em fragmentação) conforme o processo de dissociação-associada. Conjunto a se embrenhar na perspectiva geográfica, têm-se as correlações: o Espaço geográfico (totalidade) e o meio (unidade) e, também, o Tempo geográfico (totalidade) e o momento (unidade). Convoca-se, do meio, a abertura temporal entre o início e o fim, ademais, os três momentos, na escalaridade diferencial de conceituação, aludem a uma ontologia própria. Da escalaridade espaço-tempo há, da escala grande: início, meio e fim; outrossim, da pequena: fim, meio e início. Ambas em perscrutação lógico-ontológicas e, inclusive, axiológicas em vista de constituição da criação e da produção do espaço-escala-tempo. Disso, concebeu-se através da ontologia uma prospecção das categorias – Espaço, Escala e Tempo – em conceitos que se convertem de modo sintético-analítico.

Palavras-chave: Pensamento geográfico, Geografia existencial, Espaço-tempo, Ontologia.

Abstract

In order to understand Space and Time, circularity is in the middle of the Scale. They are based, by ontology, on phenomena of experientiality in a one-triad of space-scale-time. Thus, spatiality is achieved through temporal analysis and temporality through spatial synthesis. It circulates, therefore, thinking from the place to the Global (in unification) and also from the place to the World (in fragmentation) according to the dissociation-associated process. Set to get caught up in the geographical perspective, there are correlations: the Geographical space (totality) and the medium (unit) and also the Geographic time (totality) and the moment (unit). From the middle, the temporal opening between the beginning and the end is called, moreover, the three moments, in the differential scalarity of conceptualization, allude to their own ontology. From the space-time scalarity ago, from the large scale: start, environment and end; also, of the small: end, environment and start. Both in logical-ontological and even axiological prospecting in view of the constitution of the creation and production of space-scale-time. Thus, it was conceived through ontology a prospection of the categories – Space, Scale and Time – in concepts that convert in a synthetic-analytical way.

Keywords: Geographic thinking, Existential geography, Space-time, Ontology.





INTRODUÇÃO

é impossível conhecer diretamente a plenitude do real, não temos mais remédios senão construir arbitrariamente uma realidade, supor que as coisas são de certa maneira. Isto nos proporciona um esquema, quer dizer, um conceito ou entretecido de conceitos. Com ele, como através de uma quadrícula, olhamos depois a efetiva realidade, e então, só então, conseguimos uma visão aproximada dela.

(Ortega y Gasset, 1971, p. 153)

No que se entende pela relação Espaço e Tempo, os dois possuem uma acepção filosófica imbricada, haja vista serem fundamentos da existência. Através da Geografia, tem-se uma dupla e complementar centelha de abordagem, tanto pelo Espaço geográfico quanto pelo Tempo geográfico. Ambos transpassam-se da espacialidade do tempo à temporalidade do espaço. Desde já, atenta-se: no decorrer de todo trabalho, os conceitos serão iniciados por minúsculas e as categorias, por maiúsculas. Compreender a dinâmica de perpassar exige, pois, ir além do modo conforme a “mecânica clássica utilizava o espaço e tempo como meios homogêneos e contínuos, mas não se interrogava sobre o tempo, nem sobre o espaço, tampouco sobre o movimento”. (SARTRE, 2002, p. 155). Por esse caminho, investigar, em si mesmos, a própria ontologia espaço-tempo, do espaço em sua espacialidade e do tempo em sua temporalidade, compõe o estofado da intencionalidade deste trabalho.

Em primeira perspectiva, à configuração mecanicista, alicerça-se a concepção racionalista. De modo a se conceberem o absoluto e o relativo, sendo este caso particular à égide daquele, I. Newton (1990) afirma: “O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e pela sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com qualquer coisa.” (ibidem, p. 45). Condiz, também, que: “O espaço absoluto, em sua própria natureza, sem relação com qualquer coisa externa, permanece sempre similar e imóvel” (ibidem, p. 45). Essa interpretação fechada ignora qualquer dinâmica de vida interna, qualquer ontologia de experiencialidade e seus fins são práticos e oclusos à realidade. Opõe-se, um primeiro passo distinto, por G. Leibniz (1974, p. 422): “Se não houvesse, porém, criaturas, o espaço e o tempo não existiriam senão nas idéias de Deus.” Assim, um quê de vida integra-se à pureza das categorias e ambas passam a se irradiarem das criaturas, isso em uma constituição divina.

Dessarte, ao passo de situar a própria existência, ao rumo do idealismo transcendental, prospecta I. Kant (1988, p. 52): “esta faculdade de intuição *a priori* diz respeito, não à matéria do fenômeno, isto é, ao que nele é sensação, pois esta constitui o elemento empírico, mas apenas à sua forma, o espaço e o tempo.” Nessa direção, há, inclusive uma antinomia, isto é, um paradoxo irresoluto: “o mundo é ou tem, segundo o tempo e o espaço, um começo (limite). Antítese: o mundo, segundo o tempo e o espaço, é infinito” (ibidem, p. 126). Em ambos os casos, a experiência é inadvertida a chegar em uma resposta. O interessante, mais do que a indagação da veracidade da tese ou da antítese, é que a existência é aberta em espaço e em tempo intuindo um mundo: cujos limites destoam das capacidades da razão pura.

Há mais, e díspar. Confronta-se, rumo a uma transformação fenomênica, o ponto de inflexão de categoria ao conceito a partir de M. Heidegger (2015, p. 71): “E o que assim se mostra em si mesmo (‘formas da intuição’) são fenômenos da fenomenologia.” Crava-se, diante disso, um enlace existencial de categorias da intuição para conceitos experienciais. Isto é, propulsiona-se: “Pois é evidente que, se Kant, ao afirmar que o espaço é o continente *a priori* de uma ordem, pretende fazer uma afirmação transcendental fundamentada, espaço e



tempo devem poder mostrar-se assim, ou seja, devem poder tornar-se fenômenos.” (ibidem, p. 71). E, assim, a geografia, em suas preocupações humanas, legitima configurar fenômenos geográficos de estudo científico. Transpassa-se, portanto, de intuições à fenomenologia da experiência em aberturas espaciais e temporais configuradas na movimentação – do ser-com (social) e do ser-em (espacial) – para a existência socioespacial.

Por essa abertura ontológica em espaço e em tempo há a experiência geográfica no ínterim de uma permeação de espaço-tempo. A virada heideggeriana extirpa por completo a pureza do espaço e do tempo e, por fim, tornam-se existenciais da experiencialidade. Na Geografia, dois autores são emblemáticos por pensarem de modo ontológico o espaço e o tempo são: E. Dardel (2011) e M. Santos (2017). O primeiro concebe que: “Temporalização de nosso ambiente terrestre, espacialização de nossa finitude, a geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa e sujeito” (DARDEL, 2011, p. 39-40). Logo, o segundo abre que: “tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se.” (SANTOS, 2017, p. 54). Ambos permitem uma vinculação entre espaço, tempo e, em realidade terrena, o existir em existência: o primeiro focando no homem e o segundo, na sociedade.

O importante, de fato, é o sentido esclarecido pelos autores em seus excertos, presentificam-se as ações temporais e as espaciais, bases da realização histórica terrena, confeccionando, pois, o mundano. Interpenetram-se os conceitos em experiencialidade humana. Nesse passo, abre-se por R. Haesbaert (2019, p. 169) a noção da “experiência e concepção de espaço-tempo”. Essa compreensão complexifica-se em duas perspectivas contemporâneas, a partir de A. Giddens (1991) e D. Harvey (1992): o primeiro, a orientar uma dissociação espaço-temporal (ao pensar do local ao global) e o segundo, na associação espaço-tempo (ao pensar do global ao local). Ademais, “Giddens e Harvey [...] estão falando, para brincar com as palavras, de uma dissociação-associada entre tempo e espaço, ou melhor, de um espaço-tempo que se dissociam para se reconfigurarem as novas bases”. (HAESBAERT, 2019, p. 165). Percebe-se, tão logo, a interconexão da escalaridade – local e global – para a circularidade espaço-tempo em, agora sem brincadeira, dissociação-associada.

Isto posto, segue-se por R. Moreira (2007, p. 93): “Por meio da equação escalar, o espaço passa de determinado a determinante, agindo como categoria-chave de regulação da reprodução da sociedade a partir da própria reprodução da estrutura espacial já existente.” Marca-se a ação de reproduzir – ao sentido circular – no movimento temporal do espacial. Ademais: “Cada tempo se distingue de outro pela forma de seu espaço.” (ibidem, p. 41). Ainda: “O espaço vira, assim, ao lado do tempo, a morada da natureza e do homem.” (ibidem, p. 138). Nessa orientação, verifica-se, na relação espaço e tempo, a questão da existência, mas que, na possibilidade de transmutação do espaço-tempo, tece a sua circularidade na espacialidade e na temporalidade conforme uma conversão possível através da ontologia.

Nessas aberturas, encontra-se a reflexão de que a escalaridade é, de modo ontológico, um paradoxo entre a temporalidade e a espacialidade a partir dos movimentos (LOPES, 2021a). É essa compreensão que torna possível a realização da dissociação-associada. Através do Espaço e do Tempo, vincula-se a escalaridade que trama a experiencialidade paradoxal de ambos ao contexto contemporâneo. O paradoxo em percepção concebe: do global fragmenta-se a multiplicidade de locais, outrossim, do local unifica-se a totalidade do global. É como ir à lua, diminui-se a escala da Lua (fragmenta-se) e aumenta-se a escala da Terra



(unifica-se), é a fragmentação-unificação, simultânea e paradoxal (LOPES, 2021a). Para não se estender mais do que deve ser um preâmbulo, provoca-se marcar a circularidade espaço-escala-tempo como percurso aberto para a próxima seção.

Versa-se, portanto, a análise espacial como temporalidade e a síntese temporal como a espacialidade, embora o espacial seja sintético e o temporal, analítico. No decorrer do trabalho, a elucidação das concepções a serem fundamentadas, visa, sobretudo, ao desvelamento da circularidade ontológica permissiva pela escala. É-se, pois, aberto, na primeira seção, o caminho à compreensão do Espaço e do Tempo em sua experiencialidade circular através da escala. Na segunda seção, por conseguinte, adentra-se rumo às noções de Espaço geográfico e Tempo geográfico, na profusão de suas respectivas unidades: o meio e o momento. De modo existencial, visa-se o movimento através do espaço-tempo ao enlace experiencial nas perscrutações a fim de tramitar o sentido das conversões.

ESPAÇO-ESCALA-TEMPO

Quando eu desejo situar-me no mundo social, descubro à minha volta formações ternárias e as segundas aparecem sobre fundo de totalização giratória e, a cada instante, podem integrar-se em uma trindade.

(Sartre, 2002, p. 222)

Com o propósito de aprofundar a questão entre Espaço e Tempo na interligação para com a Escala, torna-se importante fundamentar um movimento de unificação-fragmentação; em outras palavras, segundo I. Castro (1995, p. 126) observar melhor “a tendência à homogeneidade dos fenômenos observados na pequena escala e a heterogeneidade dos fenômenos na grande escala”. Atenta-se, também, que “a escala é a escolha de uma forma de dividir o espaço” (idem, p. 136). Percebe-se uma orientação de homogeneidade (unificação) pelo espaço, em pequena escala e heterogeneidade (fragmentação) pelo tempo, em grande escala. A escalaridade abre esse paradoxo de mutualidade unificado-fragmentado.

Entende-se, ademais, que o tempo é alicerçado no que “dissocia o que o espaço reúne” (BRAUDEL apud LACOSTE, 1989, p. 190), embora sejam provenientes de uma mesma ontologia, haja vista que “o tempo se cristaliza em espaço” (MAFFESOLI apud HAESBAERT, 2019, p. 225). Dessa maneira, a interligação Espaço e Tempo retroalimenta-se na experiência espaço-tempo da dissociação-associada pelo unificado-fragmentado. Por essa perspectiva, o global e o local, enquanto amálgama indissociável, são enfáticas expressões geográficas do paradoxo das escalas. Alude-se, aqui, à expressão “Glocal”¹, fundindo o global e o local enquanto dialética da globalização e encaminha-se para “o esbater das fronteiras e propondo uma visão integradora assente nos conceitos de glocalização e de glocal, pensados como instrumentos analíticos supletivos do conceito de globalização”. (LOURENÇO, 2014, p. 7). Notam-se, assim, que o global e o local são distinguíveis, embora mutuamente permeados, rentes à unificação-fragmentação glocal. Em um avançar mais próximo à realidade, contempla-se este “quadro teórico e conceptual que propõe constituir um precioso auxiliar para a análise dos processos de homogeneização e heterogeneização cultural”. (ibidem, p. 7). Como refletido, a escalaridade age no processo, nesse caso, para compreender a cultura de modo mais próximo ou mais afastado.

Por conseguinte, com a finalidade de conceber-se a escalaridade como íterim, isto é, sentido do espaço-tempo, elucubra-se a vivência nessa proposição. Ademais, infelicitase-se que a “escala da sobrevivência, escala prática ou, se você preferir, escala de engenharia, em outras palavras a arena da atividade social cotidiana, dos empreendimentos econômicos e arranjos

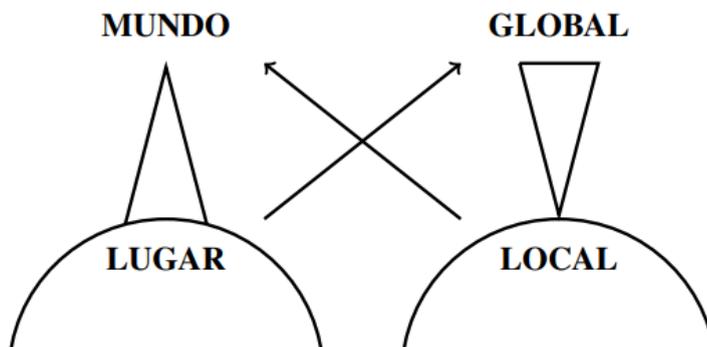


físicos não é muito tratada como um problema teórico fundamental.” (HÄGERSTRAND, 1975, p. 5 apud GRANDI, 2021, p. 3). Não adiantaria problematizar a escalaridade isolada da sobrevivência – conforme a agrura perante a pequena-grande escala glocal –, isto é, seria apenas um estudo partícipe do insensível capital e não da existência, a própria sensibilidade em sua abertura angustiada da (sobre)vivência.

Consoante ao se aprofundar na concepção glocal, ter-se-á profusa a interpretação através da escala-rede e escala-território, ao que alçam “as duas escalas de fluxos econômicos e redes e escalas de experimentar uma influência territorial redimensionando através de um processo de ‘glocalização’”. (SWYNGEDOW, 2018, p. 72). São perspectivas que intencionam situar tanto as correlações quanto as coligações, isto é, tanto os sistemas das redes quanto as séries dos territórios. Os modos de perspectivação admitem a “complexidade crescente à medida que diferentes escalas de ação vêm a serem vinculadas em várias combinações de modos vertical, horizontal, diagonal, centrípeta, centrífuga e turbilhonar (vórtex).” (JESSOP, 2018, p. 51). Com a sistêmica-serial há uma movimentação lógica das parcialidades e ontológica das totalidades (LOPES, 2021c). A escalaridade diferencial convoca os dispositivos a tramitarem fenômenos da dissociação-associada. Imputa-se: “Em suma, a ‘glocalização’ ou reescalonamento territorial das formas institucionais conduzem a dispositivos quase-estatais, porém autocráticos, antidemocráticos e autoritários.” (SWYNGEDOW, 2018, p. 96). Nessa profusão da glocalização, os sentidos contradizem-se a depender da escala, ou seja, a contradição de um fenômeno, atualmente, não raro, está na simples perscruta da mudança de sua escala.

Há mais. Invita-se a complexidade da constituição da escalaridade em sua diferenciação, “os gregos já afirmavam que, quando o tamanho muda, as coisas mudam [...] não se transferem leis de um tamanho a outro sem problemas, e isto é válido para qualquer disciplina” (CASTRO, 1995, p. 118). A cultura assente em grandes escalas uma maior homogeneidade enquanto em pequenas escalaridades, uma maior heterogeneidade. Isso só acontece pela experiência espaço-escala-tempo, a saber, a temporalidade reporta à movimentação histórica da cultura e a espacialidade, à movimentação geográfica diferencial da cultura. Essas ações sociais remontam à historicidade da existência geográfica através da escalaridade em seus fluxos espacial e temporal. O local abre o global e o global abre o local, sendo que se transformam, de modo existencial, na relação lugar e mundo ao mundo e lugar: lembrando que a fusão dos mundos é o Mundo (LOPES, 2021a). A globalização é a existência em sua mundialização. Disso, o mosaico de culturas, conforme a escala, concebe a perspectiva de diversidade, na fragmentação, outrossim, de identidade, rumo à unificação.

Figura 1. Perspectiva mundo-lugar e global-local



Fonte: produção nossa



Em outra perscruta, confere-se, por R. Haesbaert (2017, p. 153) que “[o] próprio planejamento urbano não é visto mais enquanto totalidade, a cidade é tratada em seus múltiplos fragmentos, em sua ‘polifonia’ parcelada, em seus constantes processos de diferenciação interna”. Aqui há, de modo explícito, o problema entre a fragmentação e a unificação. Por conseguinte, a cidade, cada vez maior, abre a percepção da homogeneidade global de pequena escala, contudo, como diretriz de planejamento, aumenta-se a escala e, disso, encontra-se a heterogeneidade pela escala pequena, mas já destituída de totalidade (unificação) rente às parcialidades (fragmentação). Penetra-se, dessa forma, que a cidade local abre-se como global enquanto a cidade, como mundo, abre-se em lugares. Pela Figura 1, contempla-se que a primeira perspectiva é a unificação (mundo), enquanto a segunda, é a fragmentação (globo).

Entende-se, tão logo, que de modo geoexistencial, à existência o mundo é unificação do lugar (mundialização) enquanto ao existir é o local a unificação do global (globalização). Ademais, circula-se, o lugar é a fragmentação do mundo e o global é a fragmentação do local. De modo a fundamentar melhor a Figura 1, prospecta-se, nas interrelações propostas por M. Santos (2017, p. 162), ao que “o evento deve exatamente à preeminência dos seus dois níveis de existência: o global e o local.” Ainda, perspectiva-se: “A interdependência dos eventos se dá em vários níveis. Todavia, dois desses níveis são os mais relevantes, ao menos do ponto de vista geográfico: o nível do mundo e o nível do lugar.” (ibidem, p. 163). Também, considera-se: “O nível global e o nível local do acontecer são, conjuntamente, essenciais ao entendimento do Mundo e do Lugar. Mas o acontecer local é referido (em última instância) ao acontecer mundial.” (ibidem, p. 164). Desses conceitos interligados, nota-se que ao global e ao local encontram-se os níveis mundo e lugar, enquanto ao Mundo e ao Lugar encontram-se os níveis global e local. Quando em níveis, são o acontecer e quando em categorias são os eventos.

Evidenciam-se questões de temporalidade a partir das espacialidades em trânsito à escalaridade para compreensão dos acontecimentos e dos eventos. Prumam-se o Mundo e o lugar em um plano ontológico e o Global e o local, em realidade ôntica. Disso, consoante, ainda M. Santos (2017), a recente historiografia humana, orienta-se que “somente há poucos decênios o processo de internacionalização alcança o nível atual de globalização” (ibidem, p. 161) e, ademais, perscruta-se que para compreendê-la, “em nosso ponto de vista, um caminho seria a partir da totalidade concreta como ela se apresenta neste período de globalização – uma totalidade empírica – para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares.” (ibidem, p. 115). Na quadratura dos conceitos, voltar-se-á a investigar suas transformações através da unificação-fragmentação do espaço-tempo.

Destarte, tem-se, ao movimento fragmentador, uma abertura muito mais obscurecida que ao unificador, haja vista que “o universo pós-moderno acabou com o *fetichismo* do tempo. Concede ao espaço uma atenção que lhe deveria ter sido dada há muito tempo”. (CLAVAL, 2015, p. 135, destaque do autor). Isto é, a totalidade do Espaço está a par da tendência atual de vislumbrar a síntese-espacial (enquanto resultado da unificação) anteposto à análise-temporal (como resultado da fragmentação). De forma mais intensa, R. Haesbaert (2019, p. 155), sustenta alertar uma *desespacialização* a partir de que “não é porque o espaço ‘desapareceu’, mas sim porque ele adquiriu um peso tal que o que domina, na verdade, é um espaço des-historicizado, um espaço sem tempo”. Ceifar o tempo do espaço é contemplar uma síntese, homogênea e unificada. Ou seja, exige-se o tempo para adentrar no analítico, heterogêneo e fragmentado. Nem um e nem outro, somente, são benéficos para compreensão

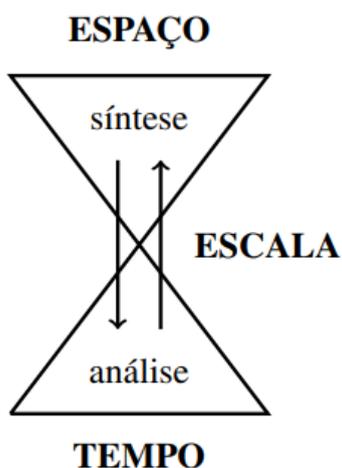


da existência geográfica, mas apenas na circularidade espaço-tempo há a possibilidade de movimentação.

À vista disso, reitera-se o papel unificação-fragmentação pela dissociação-associação da experiência espaço-tempo na contemporaneidade, sobretudo pela globalização-localização (glocalização) dinamizadora da totalização geográfica. Segue-se que: “Dominados pelo espaço sem tempo – ou, na perspectiva inversa, pelo tempo sem espaço –, perdemos o ‘verdadeiro’ espaço, que é o espaço densificado pela história e aberto às novas possibilidades do futuro”. (ibidem, p. 155-156). Nisso, articula-se, pela escala, a coligação entre os eventos aos acontecimentos, isto é, a circularidade espaço-escala-tempo na tessitura do global-local e do mundo-lugar. Consente-se, pois, na Figura 2, em atribuir movimento sintético-analítico, enquanto o resultado do paradoxo na unificação-fragmentação, a um modo circular de compreensão geográfica.

É importante frisar que a experiência histórica da dissociação-associação ôntica do global-local e a experiência geográfica de unificação-fragmentação ontológica do mundo-lugar entremetem-se nas perspectivas de espaço e de tempo. Adentra-se, com mais minúcia, ao espaço-tempo pelo sintético-analítico a partir de que o próprio “pensamento científico é, ao mesmo tempo, analítico por seus procedimentos particulares e sintéticos por suas intenções profundas”. (SARTRE, 2002, p. 176). Assim sendo, a Geografia, enquanto ciência, possui seu ordenamento sintético pelo Espaço e o analítico pelo Tempo. Nessa circularidade, entende-se a totalização geográfica, afinal, “o cientista deve tomar, em todo caso e em todos níveis, uma atitude totalizante em relação ao que estuda”. (ibidem, p. 138). A totalização geográfica é, justamente, a circularidade dessa compreensão da totalidade espaço-escala-tempo. A compreensão de que o tempo divide o que o espaço reúne e o espaço reúne o que o tempo divide, circula a partir da escala, em uma abertura de níveis de acontecimentos advindos dos eventos historiográficos. É, portanto, a partir da escala que o espaço torna-se tempo e o tempo torna-se espaço.

Figura 2. Circularidade espaço-escala-tempo



Fonte: produção nossa

Neste caminho existencial, ao existir ôntico e à existência ontológica, defronta-se com a concepção de que “ser é tempo, logo, ente é espaço” (LOPES, 2021b, p. 4). É-se, a partir da fenomenologia, necessário compreender que todo ser é ser de um ente, ademais, todo ente é ente de um ser. M. Heidegger (2015, p. 39), afirma que ente é “legítimo dentro de certos



limites”, enquanto ser “é o conceito mais universal”. Isso desvela a realidade do ente e da mundanidade do ser, através da geografia o Ente é a Terra, na totalidade do espaço, e o Ser é o Mundo, na totalidade do tempo (LOPES, 2021b). Permeia-se, também, ao passo de distinção e conexão, entre ente e ser, heideggeriana: “O ser dos entes não ‘é’ em si mesmo um outro ente” (ibidem, p. 41) assim como “Ser é sempre ser de um ente” (ibidem, p. 42). Ambos são mutuamente analíticos e sintéticos. Ao geográfico, são conexos o espaço-tempo, embora distintos em tempo (ser) e espaço (ente), são, pois, sintético-analíticos.

Desenvolve-se, aqui, portanto, pensar na escalaridade como íterim do espaço-tempo à circularidade que dão dinâmica dos entes aos seres e dos seres aos entes. Da Terra ao Mundo e do Mundo à Terra, circula-se a geografia. Entre Terra e terreno e Mundial e mundano, conduz-se, respectivamente, a onticidade do Globo e o local no aspecto ontológico do Mundo e o lugar. O Globo é a Terra como totalidade imanente, enquanto o local é o terreno como parcialidade imanente. Ademais, o Mundo é o Mundial como totalidade transcendente, enquanto o lugar é o mundano como parcialidade transcendente. Eis a configuração fenomenológica da dialética das categorias e conceitos constituídos e convertidos.

Isso ao passo que a Terra torna-se Globo e o terreno torna-se local a partir de processos históricos dos entes, enquanto o Mundo torna-se Mundial e o mundano torna-se lugar a partir dos processos geográficos dos seres. A Terra fragmenta-se em locais enquanto o Mundo fragmenta-se em lugares, por conseguinte, o Globo unifica-se em locais e o Mundial unifica-se em mundanidades. Essas interrelações permitem compreender a transformação como concessora das conversões mais específicas perante a concepção da escalaridade.

A complexificar um pouco mais a discussão, contempla-se, alguém do ente e do ser, o nada. Através da concepção ôntico-ontológica, Terra-Mundo, engendra-se o Universo, enquanto nadológico (LOPES, 2020b). Nele, o espaço-tempo orienta-se de modo unívoco, e permite, em circularidade, a própria universalização, dando movimento aos entes e aos seres. A universalização da Terra e do Mundo faz urgir o Globo (a suspensão histórica do Mundo), assim como a universalização do terreno e do lugar faz urgir o local (a suspensão histórica do lugar). Suspende-se, apenas, enquanto nadificação, sendo o Universo o nada: a escalaridade é a própria diferenciação do que é e do que não é. A escalaridade distingue, no espaço-tempo, tanto a unificação (espaço) do não-unificado quanto a fragmentação (tempo) do não-fragmentado), já que a distinção ôntico-ontológica da síntese e da análise é a escala.

Para atestar a concepção de espaço-escala-tempo, evoca-se aqui A. Einstein (2015, p. 71) através da chamada “teoria da relatividade geral”. Pensar-se-á em um exemplo: observar uma estrela. Por estar longe, a escala é pequena e, logo, enxerga-se apenas seu passado longínquo a depender da distância: ora, o espaço (o ente da estrela) depende da escala para veicular o tempo (o ser da estrela). A relatividade está em onde o observador encontra-se como referencial inercial, mas a dinâmica espaço-escala-tempo mantém-se. Percebe-se, nesse exemplo, que espaço e tempo são conexos e diferenciados pela escalaridade. Logo, o Espaço é síntese (unificação) por sua onticidade real e Tempo é análise (fragmentação) por sua ontologicidade mundana. O tempo carrega o Mundo e o espaço carrega a Terra: este mais frágil que aquele. Mesmo ao se observar uma estrela, é seu tempo que permite a percepção de como ela é (ser), haja vista ser o tempo que carrega em si mesmo o espaço na abertura do real (ente) – complementando que, se a estrela (ente) não mais exista, ainda há a existência de seu ser, porque ainda há a escala atuando na conexão ente-ser. A escala é o grande fator de conversão, sobretudo por seu paradoxo estabelecido pela relatividade.

Diferirem-se devem, pois, as noções de escala geográfica e de escala, sendo esta contendo aquela. Conforme E. Santos *et* F. Silva (2014, p. 23), entende-se que a escala além



“de representar o espaço, seja graficamente (em alusão à escala cartográfica) ou indicadora de abrangência (em alusão à escala geográfica)” é um “constructo social que articula ou isola, sincrônica e diacronicamente diversos grupos”. A concepção social adentra nas noções de escala e transforma-as em aberturas humanas. Pela própria historicidade humana, do paleolítico à contemporaneidade, vê-se uma configuração de sincronicidade das diacronias e, ademais, de diacronia das sincronidades; isso no irromper da escala que, maior ou menor, diferencia fenômenos ao espaço-tempo. Desse modo, ao passo da compreensão social da escalaridade:

De fato, a problemática escalar é bem cara à geografia, tanto nas reflexões teóricas quanto no exercício da prática, trazendo-nos indagações de como identificar qual escala melhor se adapta à intervenção das políticas estatais (políticas territoriais) e qual a escala nos proporciona uma melhor compreensão da realidade a ser analisada. [...] Nesse sentido, assinalamos que a análise da realidade numa perspectiva de apreensão das medições, e processos que compõem a mesma, exige-nos o entendimento de uma escala espaço-temporal enquanto totalidade. (LIMA, 2017, p. 45).

Através da escala, tanto a síntese quanto a análise são concebidas, são resultados respectivos da unificação espacial e da fragmentação temporal. As preocupações da escala ao passo social, articulam desde dimensões da espacialidade quanto da temporalidade. Logo, visa-se ao atento para compreender “a escala como um movimento universal-particular-singular espaço-temporal” (LIMA, 2014, p. 50). Entende-se, assim, um movimento de circularidade para dar cabo dessa concepção. A movimentação é social enquanto impulso a circular o espaço rumo ao tempo e o tempo rumo ao espaço, nessa dinâmica, a glocalização é o advento mais contemporâneo aos acontecimentos do mundo-lugar.

GEOGRAFIA DO INÍCIO, MEIO E FIM

O divórcio entre a Geografia e a vida seria de temer se a geografia persistisse em querer ser estritamente contemplativa.

(George, 1966, p. 17)

A fim de elaborar outra discussão, inserir-se-á à asserção da circularidade espaço-escala-tempo através dos meios e dos momentos. Para a compreensão do Espaço e do Tempo, em suas formulações geográficas, sabe-se que a unidade do primeiro é o meio e a unidade do segundo é o momento. Averigua-se que “espaço não é o mesmo que meio, e que o primeiro só pode ser dado pelo segundo” (MARTINS, 2007, p. 41). Ademais, há uma “tendência de ver no tempo geográfico um *momento* passível de ser descrito como um *estado*.” (GEORGE, 1969, p. 51, marcações do autor). Disso, prospecta-se um esquadrinhamento do espaço-tempo geográfico pelas relações em unidade. Requerem-se, para tanto, uma temporalidade para o meio e uma espacialidade para o momento, abrem-se, pois, em respectivo, o Espaço geográfico e o Tempo geográfico.

Adentro da correlação da escala, detém-se, na geografia, uma escalaridade espaço-tempo diferencial. Isto é, a questão é aberta ao que Y. Lacoste (2016, p. 60) indica: “É um dos obstáculos capitais, que impedem de colocar os problemas da espacialidade diferencial, pois admite-se, sem discussão, que só existe uma forma de dividir o espaço.” Esse modo irrefletido é a espacialidade pura, outrossim, a concepção de escala não se dá



somente em dimensões reais haja vista que “[a] mudança de escala corresponde a uma mudança do nível da conceituação.” (ibidem, p. 74). Desse modo, a escalaridade é uma diferenciação conceitual de abertura e fechamento de pensamento em uma gradação de semelhança. As predicções de escala abrem uma ontologia assentada no interregno do espaço-tempo.

Ademais, segue-se entre duas ciências que trabalham com o tempo: “Enquanto a Geografia é especialmente definida em Ritmos e Durações, a História tem sua temporalidade definida predominantemente nas Sucessões.” (MARTINS, 2007, p. 41). Essa é a escala de tempo vertical e horizontal, respectivamente: a primeira marcando momentos – maiores ou menores: dias, meses, anos, períodos, idades, eras – e a segunda, em relações de continuidade, assinala os eventos que fundamentam os acontecimentos a partir da movimentação humana (RANCIÈRE, 2011). O leque da escalaridade abre a partir de que “a noção de tempo geográfico é noção original e difícil de definir. O tempo geográfico é ao mesmo tempo geológico, histórico e contingente.” (GEORGE, 1969, p. 50). A escala rege a temporalidade da geografia em sua profusão no momento de modo vertical-horizontal: “E nessa força da relação entre a Geografia e a História, observamos a existência do ser, no momento entre o ser e o não-ser.” (MARTINS, 2007, p. 42). Disso, há, nos momentos, a unidade do tempo, sendo-os escalares através da geografia e, da escala, pensa-se em espaço através dos meios.

A espacialidade do momento é o meio, enquanto a temporalidade do meio é o momento. Nessa relação, verifica-se a escala como diferenciação ontológica entre ente (espaço) e ser (tempo) em sua nadificação. A partir de P. George (1973, p. 7), o meio ambiente é, simultaneamente, um “meio e um sistema de relações. A existência e a conservação de uma espécie encontram-se subordinadas a equilíbrios entre processos destruidores e processos regeneradores de seu meio”. O ambiente, como horizonte ecológico, costuma predicar o meio, sendo, essa uma situação, esclarecedora de um complexo, de uma trama de relações tanto analíticas (destruidoras) quanto sintéticas (regeneradoras).

Acurando melhor a concepção de meio, tem-se que enquanto método: “Será tratado de maneira **analítica**, seus elementos serão encarados isoladamente, mas também em suas relações com as diversas formas” (ibidem, p. 10, grifo nosso), isso ao que “às vezes, esse equilíbrio [entre destruição e regeneração] se rompe e, ao cabo de certo **tempo**, outro equilíbrio se estabelece sob os destroços do anterior”. (ibidem, p. 11, grifo nosso). Dessa temporalidade, percebem-se, em analítica, o tempo em anterior e posterior para compreensão do meio. Aliás, “também é possível de ‘contaminar’ o meio transformando-o num veículo de transmissão de agentes de corrosão ou de destruição das coletividades humanas em diversas **escalas**”. (ibidem, p. 22, grifo nosso). Desse modo, o meio é aberto em escalaridade que perpassa o espaço de sua realidade para as concepções do equilíbrio sintético-analítico nos momentos.

Aos antecessores, pensar-se-á o meio cujo momento será o início, no entanto, aos sucessores, conceber-se-á o meio cujo momento será o fim. A escalaridade, aqui, é a concebida a partir do espaço-tempo. Ainda, resta prospectar adentro da configuração teórico-metodológica da epistemologia do meio; abrem-se as suas predicções como mais uma complexidade a ser atentada. De modo profícuo, tem-se comumente pensado em meio+ambiente, contudo: “O meio ambiente dos grupos ou sociedades humanas não passa de um caso particular” (ibidem, p. 7). Outros diversos casos podem ser pontuados: meio geográfico, meio ambiente, meio social ambiente, meio técnico, meio científico, meio informacional etc. (GERALDINO, 2013, p. 6) São caracterizações que conduzem a episteme



do meio que, assim como coligado aos momentos, ambos evocam, dos fenômenos predicados, as unidades da circularidade espaço-escala-tempo.

Em outros exemplos, concebe-se, ao meio, amorosidade pelo conceito de Topofilia, que segundo Y. Tuan (2012, p. 135) “pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Com isso, delineiam-se os pré-laços (início) e o término dos laços (fim), cujo entre é a topofilia (meio). Ademais, é possível entender o meio como unidade espacial de vida terrena, a partir de P. George (1966, p. 17): “O espaço terrestre é objeto do estudo geográfico na medida em que é, sob uma forma qualquer, um meio de vida”. Desse modo, o meio de nascimento (início), o meio de morte (fim), interligam-se no momento da vida (meio). Nota-se, aqui, que o equilíbrio – destruição e regeneração – é ampliado em temporalidade de momentos espaciais através dos meios temporais.

Há mais. Contempla-se, na concepção circular entre a técnica unificadora do espaço-tempo, uma abertura que convoca, do espaço, o meio enquanto operacional e percebido. Nisso, tem-se que o meio, através da técnica que o constitui, encontra-se imerso de inícios e de fins tanto subjetivos quanto objetivos. Esse entrelaçamento é concebido ao que:

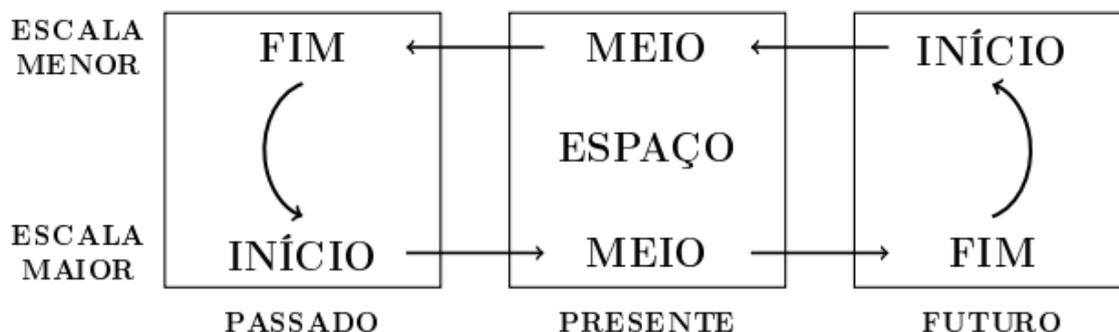
As **técnicas** participam na produção de **percepção do espaço** e também da **percepção do tempo** [...] O **espaço** se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de “viver bem”. Como **meio operacional**, presta-se a uma avaliação objetiva e como **meio percebido** está subordinado a uma avaliação subjetiva. [...] o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via nossa avaliação acaba por ser uma síntese entre objetivo e o subjetivo (SANTOS, 2017, p. 55, grifos nossos).

Ao se considerar a escalaridade temporal das durações, segundo F. Braudel (1989, apud PAQUOT, 1989, p. 7), a “dialética característica da história, baseada na diversidade dos tempos históricos – o tempo rápido, dos acontecimentos, o tempo mais alongado dos episódios e o tempo demorado e preguiçoso das civilizações.” Essa é a escala vertical de seres, ou ainda, a escala de tempo. Nessa concepção, na escalaridade geohistórica, em P. La Blache (1954, p. 276), verifica-se que as “civilizações rudimentares que nos reportam aos períodos arcaicos das nossas próprias civilizações, são já, não obstante, um ponto de chegada, um resultado de progresso”. Isto posto, o meio do presente encontra seu fim no passado e o início no futuro. É assim, pois, que a técnica repercute, a depender da escala, em uma inversão, isto é, na civilização – antiga ou futura – assenta pela escala pequena uma identidade de conceituação. Chega-se, portanto, em uma escala cada vez menor a qual é um fim passado cujos propósitos são dados a partir do início do futuro.

Isso em escala homogênea, rente ao espaço, pela ordem: início (futuro), meio (presente) e fim (passado); mas que quanto mais próxima ao heterogêneo, rente ao tempo, mais próxima da ordem: início (passado), meio (presente) e fim (futuro). Logo, percebem-se as pequenas escalas em referência ao passado, assim como as grandes, em relação ao futuro, sendo-as concebidas de modo a perceber-se, no espaço, a transformação dos momentos em circularidade escalar. Retoma-se, aqui, do Mundo ao lugar e do lugar ao Mundo, da mesma maneira que do Globo ao local e do local ao Globo. Mundo e Globo são tomados em referência passada enquanto fim Natural, de mais a mais, lugar e local são tomados em menção futura enquanto fim Humano. Compreende-se, pela Figura 3, um esquema sintético-analítico.



Figura 3. Início-meio-fim geográfico



Fonte: produção nossa

Fundamenta-se, ainda, através de J. Sartre (2002, p. 202) que “o mundo aos redores é praticamente construído como a unidade dos recursos e dos meios; mas, uma vez que a unidade dos meios não é senão um o fim e que este em si mesmo representa a totalidade orgânica em perigo”. O meio, como recurso natural e humano, é um complexo adentro da espacialidade do mundo que, aos redores, marca o sentido da escalaridade. De modo a unir o meio ao espaço-tempo, tem-se que “para determinar fim, a partir de certos meios já construídos. [...] todo meio é fim provisório” (ibidem, p. 330). Nessa temporalidade, o meio pode ser pensado enquanto fim (presente) de um início (passado) ou, também, o início (presente) de um fim (futuro). Realoca-se em um transpassar de momentos volúveis ao meio consolidado, a partir da concepção de necessidade retroativa. Isto é, pensa-se que: “A experiência da necessidade é tanto mais manifesta, quanto mais ofuscantes, mais conscientes tiverem sido todos os momentos da *práxis* e mais deliberada a escolha dos meios”. (ibidem, p. 333). Sobre o modo de ser necessário, salienta “a necessidade como *destino em exterioridade da liberdade*.” (ibidem, p. 224, destaque do autor). A partir das necessidades, a técnica é tanto criada quanto produzida e, assim, o meio amplia a escala como tempo (pela consciência) e o espaço (pelo corpo).

No compasso de compreenderem-se o Espaço geográfico e o Tempo geográfico, expõem-se serem interligados os meios e os momentos a prefigurarem o espaço-escala-tempo de modo a possuírem uma circularidade que turbilhona dentro de si os sentidos da unificação e da fragmentação. Assim, “a afirmação de que existe uma dialética da Natureza incide sobre a totalidade dos fatos materiais – passados, presentes, futuros – ou, se preferirmos, é acompanhada por uma totalização da temporalidade”. (SARTRE, 2002, p. 149). Por conta disso, remontando à proposição da técnica que afirma o Espaço (ao meio) e Tempo (ao momento), entende-se que, além de um Espaço produzido, tem-se um Tempo produzido.

Acurando melhor a noção de escala na mutabilidade espacial-temporal, caminha-se ao que diz M. Silveira (2004, p. 90): “A escala, entendida como extensão da organização dos fenômenos ou como um dado da organização” adapta-se a partir de que “[a] combinação de fins e meios muda ao longo do tempo e, com ela, a superfície de incidência, a área de ocorrência, a situação e a sua extensão”. (ibidem, p. 91). Arquitetam-se as noções de fins e meio com uma composição axiológica, isso ao que a escalaridade organiza uma interligação entre o meio e os momentos, em expansões e em retrações, ou ainda, em destruições e em regenerações. As intencionalidades aderem à moralidade em conflito entre os meios, na maior escala como início (individual) ao fim (comum) e na menor escala como fim (comum) ao



início (individual). Nesses círculos dá-se a axiologia da escalaridade: em fragmentação da analítica temporal e unificação da síntese espacial.

A partir de R. Moreira (2007, p. 65), “não haveria relações sociais se não houvesse a necessidade de os homens transformarem o meio natural em meio de subsistência ou de a este chegarem por meio do trabalho. ” O meio natural é um fim, enquanto o meio de trabalho é o início para o meio de subsistência. Ainda, “é o processo de produção dos bens necessários à existência humana, no bojo do qual se dão tais relações, que confere unidade entre eles e com o meio. ” (ibidem, p. 65). Deste modo, encontra-se na produção, através da técnica, a unidade da existência com o meio e, dele, com os momentos humanos: “é o trabalho social o agente de transformação do homem de um ser animal para um ser social, combinando esses dois momentos” (ibidem, p. 65). Disso, evoca-se a intransigência de momentos que transbordam o meio em temporalidade técnica, ademais, “cada *era de espaço* é uma *era técnica*. ” (ibidem, p. 85, destaques nosso). Cada tempo de espaço é técnica em momentos e cada espaço de tempo é técnica em meios.

Ao caminho temporal do espaço, “a *práxis*, oriunda da necessidade, é uma totalização cujo movimento em direção ao seu próprio fim transforma *praticamente* o meio ambiente em uma totalidade”. (SARTRE, 2002, p. 200, destaques do autor). No percurso espacial do tempo, afirma-se: “Como o capitalismo tende sempre à universalização, ocorre que a Terra, o Globo, se põe, ante o capitalista como mercadoria. [...] O espaço do capitalismo se concentra quando aumenta e aumenta quando se concentra. ” (SILVA, 1991, p. 133). Dessa maneira, os momentos humanos invocam de sua necessidade (fim) a totalidade (início) – afinal, faz-se o Globo para tentar sanar a necessidade, sendo esse o início e aquele o fim – e, dessa forma, a Terra (fim) produz-se pelos meios como Globo (início). No entanto, esse processo de trabalho segue o curso da escala grande, vive-se, ao trabalhador, no meio: para as memórias do início precário às intenções do fim pujante. Ao passo do trabalhador que ruma para longe da necessidade (fim), ele projeta-se ao início do Globo, sendo o que a supera no passado – pelo presente – a necessidade. Isto é, “convém encontrar a negação no início” (SARTRE, 2002, p. 262), dessarte, ao meio:

A escassez permanece nele como um ser negativo [...] mas, na medida em que eu produzo, tenho também relações onde **eu o supero em direção aos meus fins** (onde a minha *práxis* é sua negação) e onde o resultado inscrito nele e, no vínculo de interioridade unívoca do homem com a Natureza, uma aquisição *positiva*. (SARTRE, 2002, p. 262, destaques do autor, grifo nosso).

É-se importante destacar que o espaço-tempo é produzido. Tanto os meios quanto os momentos são unidades respectivas tanto do espaço produzido quanto do tempo produzido. A técnica permeia ambos, isto é, segundo W. Dutra Júnior (2015, p. 224-245), ao “espaço-tempo produzido e inscrito historicamente nas mediações sociometabólicas do capital, o trabalho socialmente objetivado no curso da história é posto à disposição da regulação capitalista, convertendo o espaço-tempo em território do trabalho/riqueza abstrata (o). ” Deve ser levada em conta a valorização no sentido de distanciar-se da “efetividade aparente da vida real, a produção social e o espaço-tempo produzidos mediante à acumulação do capital são imediatamente expressão do trabalho abstrato via centralidade mercantil”. (ibidem, p. 227). A escala, pois, tende à confecção do local ao global. Outrossim, chega-se ao espaço-escala-tempo produzido.

Nesse caminho, assentou-se pensar no Espaço e no Tempo como totalidades do meio e do momento, de modo respectivo. Além disso, a abertura do meio evoca os momentos de



início e de fim, ambos diferenciais a partir da escala pequena (fim ao início) ou escala grande (início ao fim). Transita-se, por fim, em uma movimentação circular que permite compreender o local e o lugar assim como o Globo e o Mundo em seus movimentos contraditórios de modo socioespaciotemporal. Desse entrave, perscrutou-se o espaço-tempo produzido em vista de profusão ao complexo às vicissitudes das escalaridades temporal e espacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendidos o Espaço e o Tempo, verificaram-se duas categorias que se abrem de modo ontológico em um mútuo transpassar: a análise temporal convoca à espacialidade e a síntese espacial alude à temporalidade. De postulações da intuição, através da fenomenologia tornam-se fenômenos e, desse modo, é-se permissivo adentrar em uma experiencialidade que transpasse ambos como aberturas existenciais. A circularidade para um espaço-tempo, contudo, foi vista a partir da escalaridade, cuja dinâmica diferencial exige uma complexidade na mudança de escala e das conceituações.

Através da noção de espaço-escala-tempo, encontra-se uma una-tríade ontológica, ou seja, fenomenologicamente unipolar: são uma transitividade de conversão. Muda-se a escala, muda-se sua concepção. A escalaridade faz o espaço virar tempo e o tempo virar espaço. Da escala homogênea (pequena) há o espaço, enquanto da escala heterogênea (grande) há o tempo, malgrado ambas serem concepções concomitantes, não dicotômicas e nem sequer duas, mas circulares. Disso, abrem-se as dinâmicas existenciais do local e do Global, assim como das existências do lugar e do Mundo, que, respectivamente do conceito à categoria, conduzem à unificação e, também, à fragmentação. O processo completo é uma dissociação-associada, a partir da unificação-fragmentação pelo espaço-tempo que constrói o sintético-analítico através da escalaridade.

Ainda, prevalecem pensar-se em dois outros patamares, o Espaço geográfico (totalidade) e o meio (unidade) para com o Tempo geográfico (totalidade) e o momento (unidade). Ao geográfico, tem-se uma concepção complexa envolvendo as escalas espaciais e as escalas temporais, ou melhor, a escalaridade do espaço-tempo. Meio e Momento convertem-se, o meio convoca os momentos de início e de fim. Em grande escala, há uma projeção dos momentos em: início, meio e fim; enquanto em escala pequena, há a projeção dos momentos em: fim, meio e início. É, pois, uma concepção ôntico-ontológica (ente-ser, espaço-tempo) de compreensão da escalaridade. Ao constructo completo encontra-se o início-meio-fim geográfico em circularidades múltiplas.

Ao passo de se prospectar a epistemologia da ontologia geográfica, observou-se que três aberturas são necessárias entre si: espaço, escala e tempo. Suas convocações interrelacionam-se para configurarem os sentidos de: espacialidade, escalaridade e temporalidade. Ambos, na una-tríade, são interligados ao ser humano tecendo sua existência e criando e produzindo o espaço-tempo de modo escalar em unificação-fragmentação. Portanto, ter-se-ia um percurso repleto de paradoxos, ou melhor, desvelados como circularidades e que correspondem a uma ontologia, repete-se, em uma una-tríade sintético-analítica do espaço-escala-tempo. Provoca-se, aqui, um estudo em aberto para readequações, aprofundamentos e reflexões às categorias em conceitos propostos. É-se, para tanto, um exercício de pensamento, convertendo através da circulação ôntico-ontológica e questionando a constituição de cada possibilidade.

Se há um modo de compreender-se a geografia em si mesma é por uma constituição complexa, não por abstrusão, mas por sua simplicidade. Não há conceito isolado, nem categoria sem experiência, nem teoria sem reboiços lógicos e estéticos. Espera-se, portanto,



instruir a reflexão não através do método, mas da verdade que encerra o dogmatismo do pensamento assentado. Duvidar não é ordenação de existir, pois existir somente pode sugerir o duvidar. A este partido, saúdam-se os corajosos que escolhem o sentido do não-sentido para o não-sentido do sentido. Ler, hoje, tanto quanto escrever, é uma prática de amor ao próximo, mesmo quando exija o desbarate.

NOTAS

1 – À guisa epistemológica, a expressão *glocalização* “aparece na década de 1980, sendo consagrada no *The Oxford Dictionary of New Words*, referindo-se ao processo de ‘*telescoping global and local to make a blend*’. O conceito foi inicialmente construído a partir do vocábulo japonês *dochakuka* que, originalmente, referia-se à adaptação das novas técnicas agrícolas às condições locais de produção. Rapidamente adotado e vulgarizado no mundo dos negócios, o seu significado mais comum refere-se a um produto ou serviço concebido e distribuído globalmente, mas adaptado aos hábitos e costumes locais” (LOURENÇO, 2014, p. 2).

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Iná. O problema da escala. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 117-140, 2000.
- CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2015.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUTRA JÚNIOR, Wagnervalter. O (des)conceito de Homem na leitura do espaço-tempo postulado na Geografia Humana: os enigmas de uma Geografia Humana sem homens. 2015. 274 f. **Tese** (Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.
- EINSTEIN, Albert. **A Teoria da Relatividade**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.
- GEORGE, Pierre *et al.* **A geografia ativa**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.
- GEORGE, Pierre. **O meio ambiente**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.
- GEORGE, Pierre. **Sociologia e geografia**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1969.
- GERALDINO, Carlos. O conceito de meio técnico em Milton Santos. **Geoambiente On-line**, v. 23, p. 1-12, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GRANDI, Matheus. Problematizações contemporâneas sobre a escalaridade: forma, natureza e organização das escalas geográficas. **GEOgraphia**, v. 23, n. 50, p. 1-18, 2021.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- HÄGERSTRAND, Torsten. *Space, time and human conditions*. In: KARLQVIST, Anders; LUNDQVIST, Lars; SNICKARS, Folke. (ed.). **Dynamic Allocation of Urban Space**. Estocolmo: Lexington Books, 1975.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JESSOP, Bob. Dinâmica do regionalismo e do globalismo: uma perspectiva de economia política crítica. Capítulo 1. In: BRANDÃO, Carlos; FERNÁNDEZ, Victor; RIBEIRO, Luiz. (Org.). **Escalas espaciais, reescalamentos e estatalidades: lições e desafios para América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 43-70, 2018.
- KANT, Immanuel. **Prolegômenos a Toda a Metafísica Futura: que queira apresentar-se como ciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LACOSTE, Yves. *et al.* **Ler Braudel**. Campinas: Papirus, 1989.



- LEIBNIZ, Gottfried. **A Monadologia, Discurso de Metafísica e outras Obras**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- LIMA, Átila de Menezes. Geografia histórica e escala espaço-temporal: debates teórico-metodológicos para compreender o processo de eletrificação do Brasil (1954-1967) a partir do plano nacional de eletrificação. **Revista Formação (ONLINE)**, v. 24, n. 43, p. 43-63, 2017.
- LOPES, Jahan. Geografia, escalas e a lua: do geocentrismo à ontologia. **Revista GEOgrafias**, v. 29, n. 1, p. 103-120, 2021a.
- LOPES, Jahan. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia (Rio Claro. Online)**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021b.
- LOPES, Jahan. Tempo geográfico: um caleidoscópio da simultaneidade. **Geografar**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 335-350, 2021c.
- LOURENÇO, Nelson. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. Mulemba. **Revista Angolana de Ciências Sociais**, v. 8, n. 4, p. 17-31, 2014.
- MARTINS, Elvio. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 11, n. 1, p. 33-51, 2007.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.
- NEWTON, Isaac. **Principia**: princípios matemáticos de filosofia natural. São Paulo: Nova Stella, v. 1, 1990.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1971.
- PAQUOT, Thierry. Um convite à História. *In*: LACOSTE, Yves (Org.). **Ler Braudel**. São Paulo: Papirus, p. 7-11, 1989.
- RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. *In*: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011
- SANTOS, Elizete; SILVA, Francisco. Revisitando o conceito de escala na geografia. **Boletim de geografia**, Maringá, v. 32, n. 3, p. 16-27, 2014.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 9ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2017.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SILVA, Armando. **Geografia e lugar social**. São Paulo: Contexto, 1991.
- SILVEIRA, Maria. Escala geográfica: da ação ao império? **Terra Livre**, Goiânia, Ano 20, v. 2, n. 23, p. 87-96, 2004.
- SWYNGEDOW, Erik. Globalização ou glocalização? Redes, territórios e reescalonamento. Capítulo 2. *In*: BRANDÃO, Carlos; FERNÁNDEZ, Víctor; RIBEIRO, Luiz. (Org). **Escalas espaciais, reescalonamentos e estatalidades**: lições e desafios para América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 71-106, 2018.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Circularidades geográficas: espaço, escala e tempo. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 19, n. 1, p. 78-93, 2023. Disponível em: . Acesso em: DD MM. AAAA.